

direção do
tratamento

O Um totalmente só e seus laços¹

Colette Soler

Para introduzir os trabalhos sobre o nosso tema “Enlaces e desenlaces”, gostaria de proceder a uma atualização daquilo que Lacan permite avançar, propriamente, sobre o estado atual dos laços sociais. Ele produziu seus quatro discursos em 1970, justamente no momento em que os dois discursos que regem a ordem social, o do mestre e o da universidade, sofriam, na França e na Europa em geral, um questionamento profundo. No entanto, ele não parou em 1970, e vou lhes trazer minhas últimas elaborações sobre o que veio depois.

Estado da questão

É bem conhecida a última grande sentença pronunciada por Lacan acerca das consequências do inconsciente que fala, não sem linguagem, todos nós a conhecemos: Há Um [*Ya d'l'un*]. Inclusive, ele acrescentou depois: “e nada além disso” [*et rien d'autre*]. Creio que é desse ponto que é preciso retomar, a partir do zero, toda a questão do laço social. Ela nos ocupa na medida em que preocupa o conjunto do corpo social desta nossa época de individualismo triunfante no capitalismo, no fundo, porém, cabe a nós a responsabilidade de ter o que dizer sobre a questão do laço social, pois somos os únicos a poder dizer qual é a parte que o inconsciente dos seres falantes, com seus efeitos, desempenha aí.

O famoso “Há Um” faz contrapeso ao “Não há” [*y a pas*] da relação sexual. Eis, então, que Lacan – que já havia admoestado seu mundo com o tema: é preciso fazer o sujeito apreender que ele não é Um, mas fendido pelo significante e dividido pelo objeto – martela, daí em diante, que somos “Unaridades” –, um neologismo. Com os psicanalistas, conhece-se preferencialmente os “esparcos disparatados”, que gostamos de lembrar, mas é a mesma coisa. Além disso, ele acrescenta que este Um se sabe totalmente só, dor da solidão, portanto. Tais são as últimas fórmulas do “inventário” (LACAN, 1975a/2003, p. 561) que Lacan fez das consequências do inconsciente “inventado” (LACAN, 1975b/inédito) por Freud. O

¹ Trabalho apresentado durante o IX Encontro da IF-EPFCL em Medellín, em 15 de julho de 2016.

indivíduo, e o indivíduo é um corpo, este indivíduo marcado por um inconsciente, por ele renomeado como *falasser*, é um proletário, “ele não tem nada com que fazer laço social” (LACAN, 1974/1975). Eis o que parece convergir para o grande clamor da nossa época, que alardeia a precariedade crescente dos laços, o fora de discurso de um capitalismo abusivo que atomiza os grupos sociais até este resíduo que é o indivíduo em sua solidão. Derrelição, angústia, pânico. O *Eros* freudiano, o princípio de união, está em crise, não resta dúvida.

Há, contudo, um certo paradoxo, e me surpreende que não se chame atenção para isso. Com efeito, “Um totalmente [tout] só” ou não, individualismo do capitalismo ou não, os laços individuais são múltiplos e proliferam mais do que nunca, graças justamente às novas técnicas de conexão que a ciência torna possíveis e que nos permitem vencer o tempo e as distâncias. Constata-se o que, sem exagero, podemos designar como um novo vício de contato com os semelhantes. Ele tem se generalizado e ultrapassa muito o aspecto utilitário – no entanto, bem real – dessas novas técnicas. Digo vício, adição [*addiction*], mas por que não falar de uma angústia da “desconexão”? É como se o isolamento tivesse se tornado o maior risco, e a exclusão do grupo uma fantasmagoria. Mesmo os psicanalistas supostamente mais cultos não podem deixar de se reagrupar. Parto daí. “Há Um”, mas também há laços. Daí a questão que coloquei em meu “Prelúdio”:² será que, apesar de Freud, haveria uma pulsão gregária no ser humano? Em todo caso, esta velha questão do século passado aparentemente adquiriu uma nova pertinência. Todavia, com Lacan, não podemos convocar este instinto gregário, já que somos desnaturalizados, sem instinto. Tampouco podemos nos contentar em voltar à velha hipótese rousseauísta de um laço que seria necessário às exigências de sobrevivência em meio hostil, a que Peter Sloterdijk deu uma rejuvenescida, procurando encontrar seus indícios até na arquitetura. Com efeito, sabe-se que a forma da bolha, onde nos sustentamos a dois ou com alguns, tem certo sucesso.

Duas questões partem daí: em que esses laços tradicionais do século XXI se distinguem dos laços das épocas pré-capitalistas, que, na verdade, eram diferentes daqueles que designei hoje com os termos “contato”, “conexão”, “vizinhança”, “encontro”, “troca” e alguns outros mais, e que têm em comum o fato de não serem instituídos e de nunca implicarem a duração no tempo?

Ainda mais essencial é essa outra questão: o que é que está no princípio desses laços, por mais movediços que sejam? Concebemos facilmente a necessidade do “Um totalmente só” de servir-se dos semelhantes como se fosse um invólucro protetor nas tribulações da vida – como se diz, “a união faz a força”. Mas esta finalidade não diz o que possibilita o laço. É preciso postular que o “Há Um” implica

2 Referência ao texto “*Questions de méthode*”, publicado como prelúdio preparatório ao IX Encontro Internacional da IF-EPFCL, na Colômbia, disponível <em epfcl-medellin2016.net> [Acesso em 06/10/2016] (N. do T.)

em uma necessidade de ligação com outros Uns. Qual? O que é que permite às Unaridades sair do seu perímetro corporal, e para qual resultado social?

Novos laços

Quanto à primeira questão, admite-se com facilidade a tese segundo a qual o capitalismo tem efeitos disruptivos sobre os laços sociais. Eu própria já desenvolvi bastante este tema. Mas observo que não é qualquer laço que o capitalismo deteriora, mas apenas os laços dos discursos, cuja estrutura Lacan construiu. Ora, todos os discursos estabelecem uma ordem. Temos uma tendência a idealizar estes laços, e até mesmo a lamentar seu declínio, mas todos funcionam sobre uma disparidade fundamental entre os indivíduos que são apalavrados nestes discursos. Isso é verdade para os quatro discursos que Lacan construiu, e dois deles, o discurso do mestre e o da universidade, chegam até a promover a disparidade em hierarquia de poderes instituídos que regulam a realidade social e econômica. Estes discursos ofendem, portanto, se é que posso utilizar esse termo, o ideal de paridade que reina em nosso tempo e que vai muito além do ideal de igualdade de direitos. E não esqueçamos que tais discursos estão longe de excluir as segregações, e que há inclusive o que Lacan designou como um “racismo dos discursos em exercício”. Aliás, essas ordens discursivas, no passado e recentemente, têm suscitado grandes revoltas, grandes indignações, diversos movimentos de liberação, notadamente, dos povos e das mulheres, denúncia dos mestres do poder e dos semblantes de saber. Até mais do que isso, pois a psicanálise surgiu como sintoma, reação contra a alienação e a padronização dos indivíduos que tais discursos programam. Hoje, objetamos a isso com uma exigência de paridade em todas as coisas, entre homens e mulheres, hetero e homo, sexuado e trans, entre a criança e o adulto, o louco e o não louco, o normal e o anormal, e agora, inclusive, em determinadas esferas, convida-se o animal e se pleiteia os direitos paritários de toda criatura viva. É certo que podemos criticar, ironizar, e inclusive considerar, como algumas pessoas fazem, que a paridade é um flagelo; mas, o que quer que se diga, nada impede que essa exigência esteja crescendo por toda parte e, além disso, seja transformada em lei – o que é essencial.

Ainda assim, talvez seja necessário que eu precise que a paridade não exclui as diferenças individuais, ela só exige a mesmidade no que tange aos direitos. Não seria correto colocá-la no princípio das segregações ou das discriminações. Estas, em sua intolerância, visam outra coisa, as diferenças culturais, linguísticas, geográficas e, seguramente, as diferenças sexuais entre os seres, todas as diferenças que determinam o que se deve chamar de “gostos”, ou seja, as escolhas de gozo. Elas vêm crescendo em nossa atualidade, com o desenvolvimento das xenofobias,

os movimentos de extrema direita que apregoam o retorno à pátria, ao solo, e até à raça. A exigência de paridade dos direitos conduz, antes, ao contrário, e o resultado é que, em nossos regimes de individualismo democrático, é certo que se quer o laço, mas é preciso que ele seja paritário em todos os lugares, na sociedade, na família, e até mesmo entre os sexos. E sequer posso dizer que se gostaria que cada um estivesse fazendo par com cada um, cada uma com cada uma, pois vocês sabem que já foi declarada a guerra à gramática e aos pronomes masculinos e femininos, principalmente nos Estados Unidos.

Na estrutura dos discursos, a escrita pode fazer crer que o enlace vem simplesmente da linguagem, do laço entre os significantes – S_1, S_2 –, mas é um erro, o laço social, segundo Lacan, não vem apenas da linguagem na qual se enodam os significantes, ele provém do fato de que um dos quatro termos ligados à estrutura da linguagem – S_1, S_2, S ou a –, vem no lugar que é dito do semblante. Em um laço de paridade, não há lugar do semblante, é um laço tão disjuncto da ordem social que ele trabalha, de dentro, a própria ordem. Poderia multiplicar os exemplos que indicam essa mudança em marcha em todos os níveis, político, familiar, sexual, pois são uma legião, vê-se que até mesmo a democracia representativa, que não recusa a hierarquia do poder, mas que o delega, está sendo cada vez mais contestada.

Não é por acaso que este Há Um que tem a ver com a estrutura do falante, portanto, que sempre esteve aí, só foi formulado por Lacan no fim do século passado, pois é o momento em que ele se realiza no capitalismo, sob a forma do resíduo derradeiro dos desenlaces, ou seja, o indivíduo. Qualifiquei-o de *narcínico* para condensar narcisismo e cinismo, e designar aquele que, fazendo de si uma causa de seu próprio gozo, só pode competir com seus pares em matéria de *narcinismo*. Em geral, denunciemos esse individualismo, ele parece acompanhar a extensão do capitalismo, e isso nos preocupa. *Quid*, com ele, daquilo que Lacan nomeava “ternura humana”, todas essas aspirações tocantes a ser cercado de afeto, de calor, e a também doar presença, solicitude, compreensão, empatia? *Quid* desta economia do cotidiano pacífico, de todas essas coisas compartilhadas que fazem a alegria de viver, as belas fotos, as boas lembranças, e que fazem brilhar até mesmo as menores vidas, as mais minúsculas, como as nomeia o escritor francês Pierre Michon.³ Não esqueço, entretanto, que Lacan voltou a nos prometer, em “A terceira”, um destino de Kant com Sade, destino que ele tinha definido, dez anos antes, como o sacrifício, e até mais do que isso, o assassinato de, cito, “tudo que é o objeto de amor em sua ternura humana” (LACAN, 1964/1988, p. 260). Preocupação, portanto. Isso nos deixa aflitos. Todavia, com ou sem tranquilidade, procuremos nos esclarecer, é urgente que voltemos a refletir sobre o que impulsiona os narcínicos ao gregarismo, pois é fato que eles se enlaçam, até mesmo se aglutinam. Para

3 Referência ao livro *Vies minuscules*, de Pierre Michon (Paris, Gallimard, 1996) (N. do T.)

atualizar a questão do laço social neste contexto, é preciso, então, dizer qual pode ser a libido que dá liga entre os Uns totalmente sós, em que cada um se encontra, ou tende a encontrar-se, em parceria com todos os outros.

Será que podemos invocar o amor com tudo o que ele sempre implica de identificação participativa? Não creio, não que ele não exista, mas porque é um afeto que, como qualquer outro afeto, é um efeito, efeito da estrutura e, portanto, ele próprio clama por explicação. Fui obrigada a concluir, para minha própria surpresa, que é justamente o próprio Há Um que, longe de programar a autossuficiência narcísica, impele em direção ao laço.

Qual Um?

“Há Um” é simétrico ao “não há”, mas concluiríamos muito apressadamente se imaginássemos que este “há” é homogêneo ao “não há.” O que não há é um certo gozo que promoveria o encontro dos dois sexos. O que há é algo diferente de simplesmente o seu contrário. Detenho-me, então, um instante neste Um, pois ele não é simples. Não simples, pelo que me lembro de Parmênides, no que diz respeito à filosofia, e de Frege com Cantor, no que tem a ver com a matemática. Então, entre os diversos Uns que podemos enumerar, qual é este Um da psicanálise? Podemos dizer, inicialmente, o que ele não é. Não é o Um da ciência, sem o qual nenhuma constância é inscritível, tampouco o Um do semblante de discurso. Para nós, leitores de Lacan, a partir do seminário ...*Ou pior*, não é também o um diferencial do entre dois significantes de onde o sujeito é suposto, nem a colocação em série dos uns diferenciais na repetição, nem sequer aqueles que se prestam à combinatória pulsional. Não desenvolverei aqui cada uma dessas afirmações. Este Um do “Há Um” estaria mais próximo da mônada de Leibnitz (LACAN, 1971-72/inédito, Aula de 19/01/1972), diz Lacan, a qual parece justamente evocar uma unidade como autossuficiente, mas Lacan conclui, por fim, a esse respeito: “não o chamemos mais de mônada, mas de Um-dizer” [*Un-dire*], que ele escreve com hífen. Este Um-dizer é o Um “superior ao sujeito”, que faz de cada sujeito um conjunto, com todos seus uns que acabo de evocar, sendo cada conjunto único em seu gênero. Este Um-dizer é, portanto, a posição da Unaridade singular de cada falante. Uma espécie de narcisismo superior, não especular, mas nodal. Como este Um-dizer se sabe totalmente só, se não porque o que se diz são apenas os Uns dos gozos insuficientes fálico ou pulsional? O Um-dizer, joguemos com o equívoco do hífen, é dizer Um, o dizer único de cada um, mas, por outro lado, ele só diz os Uns de gozo, dos gozos que gosto de chamar de gozos órfãos – e não há outros gozos, quer isto agrade ou não aos místicos. É a partir deste Um-dizer do Um de gozo que, em uma análise, e somente em uma análise, demonstra-se o “não há” do gozo a dois. Alhures, fora da análise, o “não há” só é experimentado como encontro

falho. Este “Há Um” não é tanto o grito da solidão, cujo *pathos* é inútil convocar, mas a insistência do dizer a cada vez singular da maldição sobre o sexo.

O fato de que o Um de gozo, que cada indivíduo corporal é, seja posto por um Um... de dizer muda tudo quanto ao laço social, pois o dizer “onde se situa a existência” não pode funcionar por si só. O Um de gozo, acontecimento de corpo, é autista, o Um-dizer, outro acontecimento, não pode sê-lo, ele não é autossuficiente, ele precisa de um outro, que reconheça o Um que ele afirma ser – o que, no entanto, não anuncia o diálogo. Isso é tão verdadeiro, que se aplica até mesmo ao dizer de deus. “No princípio estava o verbo”, diz-se, e o verbo é o Um-dizer espermático do ser supremo em perfeição. Mas, por mais supremo que seja, convém pensar que ele devia sentir-se um pouco só em sua perfeição, para ter querido engendrar esta testemunha imperfeita que é o homem. O dizer [*dire*] faz *di-eure* [*dieu/dire*], diz Lacan, mas o que é um deus sem criatura?

Sobre esta questão do Um-dizer não sem outro, provam-no os textos mais tardios de Lacan. Depois de ter introduzido o nó *bo*, e no momento em que ele rebatiza o inconsciente freudiano com o termo de *falasser*, e define este inconsciente como um “saber enquanto falado”, ele propõe que este UOM, escrito com três letras, cuja grafia não explico por falta de tempo, que UOM então, tem um corpo, mas ele não o é. Ele apenas indica como este UOM se constitui – refiro-me aqui à segunda conferência sobre Joyce – entre a *phonétique* [fonética], com *ph* do fonema em francês, e o *faunétique* [faunético] com *au* de “fauno”, o sátiro dos bosques, espécie de corpo da libido (LACAN, 1975a/2003, p. 565). Em outras palavras, ele se fabrica a partir da conjunção, os elementos de *lalíngua* que o marcam, e do imaginário do corpo. UOM é, então, um ser primariamente social, ele não o seria sem o que o impregnou de *lalíngua*. É por isso que Lacan precisa que UOM vive do ser [*vit de l'être*], verbo viver [*vivre*], e que ele também esvazia o ser [*vide l'être*], verbo esvaziar [*vider*]. Fórmula que faz o derradeiro eco ao que ele tinha colocado na origem, como a falta a ser do sujeito. Ele *falasser* [*parlêtre*] por natureza, UOM, ele fala ser [*parle être*], escrito com duas palavras e, ao mesmo tempo, ele se faunetiza, ele se crê belo e até se eleva, ó leva, em direção ao belo. UOM não é a totalidade do indivíduo, assim como o saber “enquanto falado” não é todo o saber. No ensino de Lacan, depois de 1976, UOM é uma condensação do que ele desenvolveu inicialmente como dois opostos, de um lado o sujeito efeito da linguagem, do outro, o eu com sua imagem, e que em UOM fazem apenas um. Consequentemente, compreende-se que, por mais narciso que ele seja, é-lhe necessário, em virtude do ser esvaziado, se “uomanizar” (*loméliser*), mais um neologismo para dizer esforçar-se. Com efeito, constata-se que ele se ativa para ser, ser homem, e é incitado a isso, “seja um homem, meu filho”, e ele não pede outra coisa. “Uomanizar-se”, eis uma nova maneira de designar o que era dito de forma

diferente nos séculos anteriores, com os termos ambição e amor próprio, em outras palavras, atualmente se diz, seguindo a moda, ele se faz um “escabelo”.

Este escabelo, Lacan o introduziu a propósito de Joyce, mas é válido para cada um dos UOMS. O escabelo, ele é não apenas o primeiro, é esta a sua tese, mas, isso é que é essencial, ele é “determinado”, o que significa causado pelo fato de que UOM é *falasser*, fala ser. Para UOM *falasser*, esvaziado de ser, é preciso, necessidade primeira, um escabelo. Um escabelo que possa ser dito identitário, pois serve para instituí-lo em seu próprio ser. Sem dúvida, isso não é de hoje, mas ele não pode mais fazê-lo segundo as vias traçadas pelos discursos convencionais, doravante é-lhe necessário inventar seu próprio meio de se distinguir – e isto se liga à ciência e ao capitalismo. E quando os *selfies* se difundem de forma compulsiva nas redes ...dos pares, não é evidente que a imagem permaneça sendo o meio mais simples, embora não o mais fecundo, que, reduzido o escabelo, se reduz à questão “será que é belo [*est-ce cas beau*]? Ou “será que é cão? [*est-ce cabot*]?”.⁴

Observem que o escabelo do *falasser*, produzido por Lacan, chega no exato momento em que, na sociedade, se começa a falar de “elevador social”, outro instrumento de elevação, e em que tudo no discurso lhes incita a serem combativamente vocês mesmos. É uma espécie de novo conceito lacaniano que condensa o registro do narcisismo como afirmação de si, afirmação de sua unaridade, e o destino das pulsões que tinha o nome de sublimação. A postura ereta, digamos a estátua narcísica de Lacan no início, pois bem, o escabelo a eleva “à dignidade da coisa”, fórmula pela qual ele definia a sublimação no seminário *A ética da psicanálise*, e o que é elevado à dignidade da coisa, “lugar dos gozos”, torna-se objeto a ser gozado. Por meio do escabelo, um *falasser* se propõe como objeto a ser gozado. Para Freud, a sublimação estava ligada ao laço social, cultural, supunha-se que suas obras satisfiziam o público de sua época, sem recusa. Lacan opôs-se inicialmente a essa incidência do público, mas voltou atrás com o escabelo. Com efeito, não há escabelo de Um-dizer de UOM sem público que consinta nele e que até o aplauda, em uma só palavra, que se satisfaça com ele. Quando não há mais Outro supremo que tudo vê, resta a inevitável aspiração de fazer valer seu próprio ser. Por isso os analistas acolhem uma dupla aspiração: de um lado, ser visto, ouvido, enfim, ser reconhecido, não ser apenas um entre outros, no meio dos pares, mas algo que se distinga, notório se possível, em algo e para alguns, em suma, não anônimo, algumas vezes até nomeado, e para a eternidade, quando se é Joyce; de outro lado, a aspiração contrária, conformista, a de poder ser “igual a todo mundo”. E não as vemos efetivamente ardendo, com uma virulência e uma generalização, ambas recentes? O escabelo é a mola, não apenas de muitas performances civilizacio-

4 O termo *cabot* permite, entre outras, as traduções de “cão” e “cabotino”; mas, nos dois casos, perde-se o jogo homofônico do original em francês (N. do T.)

nais, mas daquilo que, a despeito de todo o individualismo, necessita o laço. Não há chance, portanto, de que estes laços desapareçam – a não ser que modifiquem a antiga realidade hierarquizada. Em primeiro lugar, porque os escabelos do Um-dizer entram inevitavelmente em competição, e o que se espera é a intranquilidade generalizada. Em seguida, porque não há garantia de que os escabelos durem, se a precariedade está programada e não há lugares predeterminados. Enfim, porque há também sentimentos como efeitos: de um lado, o amor, reconhecimento entre dois saberes falados, com toda a sua paleta da paixão à amizade, e à *philia*; do outro, o ódio, que não é sua face invertida, o qual, da sua vindita, visa precisamente a ex-sistência do dizer. Então, ela terá um belo futuro. Intranquilidade, precariedade, paixões, isso ainda não diz com o que se realiza este tipo de laço.

Seria preciso abrir o capítulo das diversidades, mas, no primeiro escalão dos meios, encontra-se o corpo que UOM tem, porque é *falasser*. O que chamamos de indivíduo é a soma de UOM-*falasser* com o corpo que ele tem, que lhe serve, e não apenas para gozar carnalmente, pois ele pode utilizá-lo para o escabelo. É seu primeiro capital identitário, seu corpo. Apenas algumas observações sobre este ponto. Quando falta o ordenamento das diferenças pelo lugar do semblante próprio aos discursos, restam apenas as diferenças de fato, ou seja, as desigualdades da natureza e da história, as graças e as desgraças dos acasos do nascimento que nada pode anular, mas que todos podem ser instrumentalizados para o escabelo.

Ora, este regime dos escabelos dos Um-dizer por tempo de paridade muda fundamentalmente tudo o que já se disse sobre a ordem simbólica das trocas na linha estruturalista de Lévi-Strauss, que Lacan seguiu durante certo período. Ele produz até uma extraordinária inversão do que repetimos para o sujeito, ou seja, que ele está em dívida, uma dívida simbólica. Bem, é preciso ler o que Lacan escreve acerca deste UOM-*falasser* que tem um corpo, é exatamente o contrário. E ele, lembrem-se, que disse que nas estruturas elementares do parentesco as mulheres estão na posição de objetos de troca, mesmo se isto as desagradava, acrescentava ele, por fim, acabou nos dizendo que não é nada disso, o que desta vez deveria agradar às mulheres: UOM, no sentido genérico, serve-se do seu corpo para pagar um “dízimo”, em outras palavras, ele não é um devedor, é o outro que lhe deve. Cito, “ter um corpo não quer dizer nada, se não fizer todos os outros pagarem o dízimo por isso” (LACAN, 1975a/2003, p. 563). É ele então, é UOM que exige que os outros paguem, que todos paguem.

Como entender isso? O que é este *écot*, sem *h* e com um *t*,⁵ no sentido da cota-parte que todos os outros devem pagar?

5 A autora se refere à diferença entre *écho* (eco) e *écot*, que significa, como ela diz em seguida, a cota a ser paga individualmente quando se é convidado para um almoço ou jantar por adesão. (N. do T.)

Lacan evoca os irmãos mendicantes como precursores – mais uma referência medieval depois do dízimo. Essa referência, creio, está aí para marcar que isso não vem do capitalismo. No caso deles, era um dízimo de alimento, eles recorriam ao público para a sua subsistência. E não diremos que Lacan não estava em dia [*à l'heure*] com a época.

Será que a biopolítica não é a versão capitalista dos irmãos mendicantes, na qual o Estado, como representante do coletivo, encarrega-se, atribui-se inclusive o dever de “sustentar”, de alimentar, de fazer subsistir, até mesmo os corpos deslocados pelas guerras ou pela fome – problema muito atual? Vejam a interessante evolução dos EUA que, em consequência de sua história, orgulham-se de nada esperar do poder do Estado, mas que, pouco a pouco, não sem virulentas lutas políticas, acabam chegando nas políticas ditas assistenciais. Ao contrário, nessa mesma biopolítica, cada um tem direitos, e exige distribuição do que lhe é necessário para viver e que lhe é devido. Aliás, o ideal comunista do século passado com seu “para cada um, conforme suas necessidades” era, de fato, um ideal biopolítico. Não fazemos objeções a essa biopolítica, claro, gostaríamos inclusive que ela tivesse um pouco mais de êxito, acentuo apenas a inversão da temática da dívida, é uma inversão de fato, passou a ser realidade, nem temos certeza de que ela seja acompanhada pela “gratidão”, tão cara à Melanie Klein. Ela clama, creio eu, por um *aggiornamento* de urgência da parte dos psicanalistas que se queixam precisamente de constatar o que Lacan, por sua vez, explica, a saber, que os sujeitos têm cada vez mais uma aparente falta de culpa e um excesso de reivindicação vitimada.

No nível dos escabelos, não se trata de sustentar [*faire vivre*] no sentido da subsistência, mas no da diferença personalizada. Um dízimo para a identidade, sexual ou não, dízimo do olhar, da escuta, da admiração, do reconhecimento, sem os quais não há escabelo. Quem paga o dízimo do qual subsistem os escabelos do Um-dizer de UOM, senão os torcedores, os admiradores, em suma, todos que se deixam seduzir e que oferecem paixão, olhares, aplausos, interesse, ao desportista, ao bailarino, ao artista, e hoje em dia até ao cientista e, como sempre, ao parceiro sexual? Creio que os psicanalistas muitas vezes gostariam que acontecesse o mesmo com eles. Para o escabelo, é preciso fãs – privilegio este termo porque ele vem de “fanático”. Aliás, foi assim que, em 1969, Lacan reformulou a estrutura da massa nazista: uma multiplicidade que paga o dízimo de um olhar ao Um maiúsculo (LACAN, 1968-69/2008, p. 316-326). É uma estrutura diferente daquela que foi descrita por Freud, pois, como veem, o objeto aí não está do mesmo lado. De forma ainda mais geral, e sem necessidade de talentos específicos, cada um, em sua pequena bolha familiar ou profissional, espera um “mínimo vital”, uma espécie de “subsídio universal” de reconhecimento por parte dos pares e parentes. São os escabelos minúsculos das “vidas minúsculas”, como as nomeia um escri-

tor francês, Pierre Michon. Mas, no fundo, a relação “anaclítica”, tal como desenvolvida em *De um Outro ao outro*, esta relação que consideramos uma fusão, algumas vezes até mesmo a perversão moderna (*sic*), será que ela não poderia ser repensada a partir do tal dízimo?

No entanto, não se deveria acreditar que os pagantes não se beneficiem com isso, os fãs, aqueles que pagam o dízimo, ponto a ser desenvolvido posteriormente, evoco apenas a identificação participativa que satisfaz o fã sem nenhum esforço – sobre esse ponto, escutemos comentadores esportivos, é edificante de tanta ingenuidade; há também a comunhão de massa na qual os pares de Unaridades que vibram em uma admiração compartilhada, sentem-se subitamente menos sozinhos – gregarismo da emoção instantânea; e às vezes também – mais um tema a ser desenvolvido –, esses fãs recebem em troca o fetiche de um autógrafo, ou de um objeto qualquer, ou simplesmente um olhar de soslaio, e isto será guardado nos anais das famílias. O dia em que me encontrei com...o corpo do Um, Marlon Brando, Marilyn [Monroe], [Charles] de Gaulle, e até...o papa. É que não estamos mais na aurora da ciência, com que Lacan sonhava às vezes, em que três compadres com desejo de saber poderiam ocupar-se da matemática sem que ninguém fosse informado, já que o Outro maiúsculo dessas épocas, o silêncio e o anonimato ainda não se tinham tornado aniquiladores. É bem evidente e atualmente claro que, nas demandas de análise, os sintomas daqueles que chamo de “feridos⁶ do escabelo” disputam-no com os sintomas dos “feridos do amor”, mais antigos e mais conhecidos, até mesmo seculares.

Este tipo de laço, observem, restaura uma disparidade na paridade, disparidade conquistada pelos uns, aceita pelos outros, mas a sorte fica por conta do acaso. Ele supõe duas classes, no sentido lógico do termo, a dos que recebem e a dos que pagam, mais instáveis, em que cada um, a seu turno, pode estar à mercê dos consignatários. Eventualmente, então, ele transforma UOM que percebe o dízimo em ...mendigo. Então, ele tende a generalizar, para a sociedade como um todo, a precariedade que, por estrutura, funciona no campo dos amores sexuais, ou seja, o domínio da *Tyché*, do encontro epifânico, “clivado” dos laços estabelecidos, e, se por ventura vier a faltar o escabelo sem igual, advém a depressão – não a angústia. Testemunham-no, por exemplo, os fins patéticos de muitos grandes atores viciados em álcool e em barbitúricos, passado o tempo em que se encontravam no ápice do escabelo, e também os inevitáveis problemas de reciclagem daqueles que não desaparecem inteiramente, isso sem falar nas aposentadorias sempre problemáticas dos escabelos que qualifiquei de minúsculos. Então, qual o destino da análise?

6 No original: *éclopés de l'escabeau* admitiria também as traduções de: mancos do escabelo; mutilados do escabelo; aleijados do escabelo; coxos do escabelo, e ainda, talvez, sofredores do escabelo. (N. do T.)

A escabelostração e seus sintomas

Quanto aos analistas, eles são pagos, de forma clara e em dinheiro, justamente porque não podem se apresentar como os artistas da interpretação, e seu ato, o ato analítico, exclui o escabelo. Não há dízimo para eles. Pergunto-me se não é esta a razão profunda do fascínio, e até da inveja dos analistas, por estes campeões de escabelo que são os artistas. De todo modo, na medida em que eles operam nas análises, Lacan lhes promete nada menos que a castração do escabelo. É o que ele já tinha formulado, com outros termos, dizendo que o analista é o rebotalho da operação analítica. Na entrada de uma análise, a transferência, o agalma do SsS, sem o qual não haveria “desejo de psicanálise”, e ele tem a aparência de ser um escabelo para o analista, penso que está na base de muitas ambições de se tornar analista, mas Freud já advertia que sua ambição não era esta, e Lacan anunciava a queda programada, *escabelostração*, diz ele, por neologismo. Não há como evitar. É por isso que ele perguntava como é possível que ainda se queira ser analista quando se fez uma verdadeira análise. Enquanto se referia às estruturas de discurso, Lacan dizia que os analistas não se encaixam em nenhum discurso, mas, em um mundo em que os laços provêm cada vez mais da necessidade dos escabelos identitários – o que ainda se acentuará, pois estamos em um momento de transição –, em um mundo onde cada um busca o que tem de diferente de seus pares, e sempre procura tirar vantagem, como está situado o analista? Para Freud, o homem era um animal de horda, para o Lacan dos anos 1970, o falante é um animal de discurso, porém, depois de 1976, UOM é um animal de escabelo. Trata-se, evidentemente, de um processo em curso. O Discurso do Mestre não desaparece, ele se fragmenta, se localiza, fabrica células, enquanto os liames de escabelo se estendem de modo quase intersticial.

Aos analisantes, sob condição de que os analistas não imaginem que uma análise deve des-identificar, como se falava em determinada época, aos analisantes, então, prometer-lhes uma identidade de “diferença absoluta” por meio do sintoma, isto é, uma diferença não correlacionada aos pares, em outros termos, antes prometer-lhes a singularidade que separa do que a particularidade que integra em uma das duas classes do laço de escabelo – classe no sentido lógico – isso, sem dúvida, vale a pena. A análise lhes será cada vez mais necessária, como dizia Lacan em 1974, ainda mais porque o laço analista-analisante, em si mesmo, independentemente dos resultados que dele se espere, tem uma estrutura que é aquela dos pares em competição ou em comunhão, e, por não ter precariedades, constitui, sobretudo, um refúgio, pois, se ele é uma ordem, é uma ordem a serviço do analisante, e finalmente a famosa “Identificação ao sintoma” pode ser um fim um pouco abreviado, como dizia Lacan, mas não deixa de ser uma arma poderosa nas competições da vida.

Mas, é muito diferente para os analistas, aqueles que, aliás, tem o dever de sustentar o ato. Vejam o que lhes acontece em nosso momento da história: sobre os escombros dos laços tradicionais hierárquicos, quando os novos laços se sustentam entre os pares a partir dos escabelos dos uns totalmente sós, seria o analista o único a estar privado de escabelo? É o que Lacan já havia formulado com outras palavras, dizendo que o analista é o rebotalho da operação analítica. Já havia comentado isso, enfatizando que, assim como o puro amor qualificado de “sem retribuição” pela mística francesa Madame Guyon, o ato do analista é um ato “sem retribuição”, na medida em que seus efeitos, digamos inclusive seu ganho, quando há, é exclusivamente do analisante. E um ato sem retribuição só pode ser um ato anticapitalista, como já tinha observado. Agora compreendo melhor a comparação com o santo, ainda mais por que só há santo “por não o querer ser”, este é também, talvez, o caso do analista. No tempo em que havia santos, aqueles do mundo cristão, únicos de que fala Lacan, os escabelos dos religiosos passavam pelas vias canônicas e isso não mudou, ao passo que, antes de ser canonizado, o santo se situava por meio da “evasão”, assim como o herético, ou seja, pela escolha de uma via singular. Antes de ser um santo, ele era, então, mais o que atualmente se chama de marginal, até mesmo um delinquente um pouco suspeito. Em seu ato, o analista também ex-siste ao regime do escabelo, ele se isenta disso. No fundo do desejo que lhe é próprio, o um, o santo renuncia às pompas e à carne, o outro, o analista, ao escabelo. A diferença, certamente, é que os santos, embora às vezes criassem ordens, não se agrupavam entre santos.

Não surpreende que o grupo dos analistas, e todo o mundo midiático em que eles circulam em nome da presença da psicanálise, seja o lugar eleito pela obscenidade dos diversos sintomas de compensação que assinalam o quanto a escabelostração prometida pelo ato é intolerável para os analistas. E não é difícil ver como se reestabelecem os escabelos da transferência com suas competições. Passo adiante. É certo que poderíamos reescrever no mesmo tom de sarcasmo “Situação da psicanálise”... em 2016, portanto, cinquenta anos depois, mas seria inútil, como sempre o são os panfletos e, além disso, não haveria razão para tanto – é este o ponto. Por outro lado, será que a Escola escapa disso? Não o creio, a partir do momento em que outorgamos uma Garantia – termo diante do qual Lacan não recuava, até mesmo quando falamos em garantia sobre o fundo de não garantia – fabricamos degraus de escabelo – e não há como voltar atrás. Outrossim, com esta prática que não existia na Escola de Lacan, e que consiste em convidar o AE para falar para seus membros, não é então a Escola que paga o dízimo do interesse consentido?

Se o Um que se sabe totalmente só não pode estar ligado a não ser pelo dízimo, em outras palavras, se o escabelo é necessário ao Um-dizer do UOM-*falasser*, ele vem do real, o real da não relação, e deve-se, antes, fazê-lo entrar no que Lacan

chamou de “o saber do psicanalista”. Existe o direito de cidadania, pois ele é uma das consequências do “muro da linguagem”, precisamente, a consequência deste saber falado que é o inconsciente que engrena no corpo. Acrescento que nenhum dos problemas do grupo dos analistas, ou mesmo da Escola, pode ser pensado e orientado senão nesta base. Era assim que Lacan o entendia, quando distinguia os escabelos da hierarquia e do *gradus* – seria preciso desenvolver este ponto – e quando, pelo menos no final, no momento em que promove este termo, longe de denunciar os outros escabelos, ele se faz parceiro deles, evocando o seu próprio escabelo, este que ele se fez, ao introduzir na psicanálise as três dimensões do imaginário, do simbólico e do real, que desembocaram neste nó primário do UOM com seus escabelos, quer utilizem ou não o corpo para isso.

Tradução: Vera Pollo

Revisão da tradução: Cícero Oliveira

referências bibliográficas

- LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- _____. (1968-69). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. (1974). “La troisième” In: *Lettres de l’École freudienne*. EFP: Paris, 1975, n° 16, pp. 177-203.
- _____. (1975a). “Joyce, O Sintoma” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. (1975b). “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, inédito (Conferência pronunciada em 04/10/1975 no Centro Raymond de Saussure).

resumo:

A autora retoma as fórmulas mais tardias do ensino de Lacan para indagar o estado atual dos laços sociais. Ressalta que, a partir de um certo momento, o “Há Um” começa a fazer contrapeso ao “não há” da relação sexual e Lacan insiste em dizer que somos Unaridades. Segundo ele, o resíduo último dos desenlaces é o indivíduo, o qual se define como “o Um de gozo que procede de Um-dizer não sem outro”. Nos tempos atuais, a exigência de paridade está em todas as coisas, muito além da paridade homem-mulher ou hetero-homo. E o escabelo, que está na origem das performances civilizacionais, é o que nos mobiliza em direção aos

laços, apesar de todo individualismo. Este regime dos escabelos muda fundamentalmente tudo o que se disse até agora sobre a ordem das trocas na linha estruturalista de Lévi-Strauss, que Lacan seguiu durante algum tempo. UOM é um animal de escabelo ou, em outras palavras, o escabelo é exigido pelo Um-dizer do UOM-*falasser*. Ele vem do real e cabe aos analistas fazê-lo entrar no que Lacan chamou de “o saber do psicanalista.”

palavras-chave:

Laço social; Unaridades; escabelo; UOM-*falasser*.

abstract:

The author goes back to the latest formulae of Lacan’s teaching with the objective of questioning the current state of social bonds. She highlights that, from a certain moment on, the “There is One” begins to counterbalance the “There is not” of the sexual relationship and Lacan insists on saying that we are *Uniraties*. According to him, the last residue of the outcome is the individual who define him/herself as “The One of *jouissance* which derives from One-saying no without the other”. Currently, the demand for parity is present in everything, much beyond the parity man-woman or hetero-homo. And the *escabeau*, which lies in the origin of the civilizing performances, is what moves us towards the bonds, despite all individualism. This regime of the *escabeau* fundamentally changes everything that was said so far about the order of the changes in Lévi-Strauss’ structuralist line, adopted by Lacan for some time. LOM is an animal of *escabeau* or, said in other words, the *escabeau* is requited by the One-saying of the LOM-*parlêtre*. It comes from the real and it is up to the analysts to have enter what Lacan has called the “psychoanalyst’s knowledge.”

keywords:

Social bond; *Uniraties*; *escabeau*; LOM-*parlêtre*.

recebido:

04/08/2016

aprovado:

12/09/2016